



## O OLHAR DA FAMÍLIA E DA ESCOLA PARA A CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA - TEA

Ambrozina Aparecida Del'Isola Santos<sup>1</sup>  
Arlinda Gonçalves Rios<sup>2</sup>  
Fabiane Cristina Rodrigues de Almeida<sup>3</sup>  
Fátima Maria de Araújo Arantes<sup>4</sup>  
Ferdinan Fernandes Rodrigues<sup>5</sup>  
Leonara Paz Gehres Arantes<sup>6</sup>  
Luís Eduardo Araujo Arantes<sup>7</sup>  
Maria Girlene de Oliveira<sup>8</sup>  
Denise Santana<sup>9</sup>

<sup>1-9</sup>Grupo Educacional Yadaim Ovdot, Brasília, Brasil

<sup>2</sup>arlindagri@gmail.com

### Resumo:

**Introdução:** A preferência pelo tema atribui-se à necessidade de compreender como as famílias e as estruturas educacionais lidam na atualidade com a questão do Transtorno do Espectro Autista.

**Objetivo:** Destarte, este estudo tem por objetivo analisar o TEA nos contextos familiar e educacional, buscando-se refletir em como e quando o diagnóstico da síndrome impacta o núcleo familiar, identificar o processo de inclusão social e escolar da criança autista e as metodologias aplicadas nas escolas. **Materiais e métodos:** A metodologia utilizada para este artigo foi de pesquisa exploratória com base em estudos de autores nacionais e estrangeiros entre outros pensadores que elaboraram trabalhos pertinentes ao TEA. Dessa forma, este trabalho, pretende aprofundar o conhecimento sobre o tema e, assim, trazer informações visando uma compreensão mais ampla da realidade de fato.

**Conclusão:** A problemática a ser enfrentada é desafiadora, porém muitos foram os avanços alcançados nos últimos anos, o que trouxe consigo uma nova ótica sobre o transtorno, a qual veio repleta de informações científicas novas e de grande importância. Isto demonstra um futuro promissor e cheio de esperanças para todos os envolvidos e interessados no assunto.

**Palavras-chave:** autismo, inclusão, família, escola

### Abstract:

**Introduction:** The preference for the theme is attributed to the need to understand how families and educational structures currently deal with the issue of Autistic Spectrum Disorder. **Objective:** Thus, this study aims to analyze TEA in the family and educational contexts, seeking to reflect on how and when the diagnosis of the syndrome impacts the family nucleus, to identify the process of social and



*school inclusion of the autistic child and the applied methodologies at Schools. **Materials and methods:** The methodology used for this article was exploratory research based on studies by national and foreign authors, among other thinkers who prepared works related to TEA. In this way, this work intends to deepen the knowledge on the theme and, thus, bring information aiming at a broader understanding of the reality in fact. **Conclusion:** The problem to be faced is challenging, however many advances have been achieved in recent years, which brought with it a new perspective on the disorder, which came replete with new and very important scientific information. This shows a promising and hopeful future for everyone involved and interested in the subject.*

**Keywords:** *autismo, inclusion, Family, school.*

### **Introdução**

A questão do Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um assunto contemporâneo que traz consigo questionamentos importantes para a sociedade como um todo, sendo uma problemática nova e desafiadora a ser enfrentada. A preferência pelo tema atribui-se à necessidade de entendimento de como as famílias e as estruturas educacionais lidam, na atualidade, com a questão do TEA.

O pouco conhecimento da sociedade sobre o assunto e o aumento considerável de crianças diagnosticadas com este transtorno, em todo o Brasil, demonstram a relevância na busca de mais informações para os familiares, profissionais de educação e para toda a sociedade. Nos dias atuais, em que pese a ampla difusão de informações sobre autismo nos diversos espaços da sociedade, por meio de redes sociais, livros, revistas, filmes, associações de famílias do autista, a síndrome ainda está envolta em muitas incertezas, mitos e preconceitos.

Os desafios começam quando a família e/ou a escola percebem certas diferenças comportamentais entre a criança com TEA (até então não diagnosticadas) e as neurotípicas, as quais seguem certos “padrões” que são reconhecidos e aceitos socialmente. O primeiro tópico será direcionado para tratar de informações gerais sobre o TEA e alguns dados que são necessários para que se possa dar início ao entendimento acerca do assunto.

No segundo tópico, analisa-se o olhar perante a família da criança quando essa é diagnosticada com autismo e as demais consequências advindas dessa nova realidade. A inserção da criança autista no âmbito escolar e os desafios e avanços encontrados por parte dos profissionais e familiares é o assunto do terceiro tópico.

A pessoa com autismo vive um “mundo diferente”, e cabe a todos adentrarem nesse mundo complexo, amplo e desafiador de uma forma acolhedora, multidisciplinar, individualizada e sempre tendo em mente a importância do olhar humanitário e tomado pela esperança.



## Materiais e métodos

A metodologia utilizada para este artigo foi de pesquisa exploratória com base em estudos de autores nacionais e estrangeiros entre outros pensadores que elaboraram trabalhos pertinentes ao TEA. Dessa forma, este trabalho, pretende aprofundar o conhecimento sobre o tema e, assim, trazer informações visando uma compreensão mais ampla da realidade de fato.

## Conhecendo o espectro autista

De acordo com o médico pediatra e neurologista infantil Clay Brites [1], o autismo é um tipo de transtorno que está dentro do Grupo dos Transtornos Globais do Desenvolvimento. Segundo ele, o autismo não tem cara, não tem coração, não tem forma física. É uma síndrome comportamental, a qual o diagnóstico só é feito através da observação.

O autismo é um diagnóstico neuropsiquiátrico de um “transtorno invasivo do desenvolvimento”, nome dado por ser inerente ao indivíduo e comprometer sua evolução em três áreas: social, comunicativa e comportamental [2].

Ainda de acordo com o médico, há três características específicas para identificar a criança com diagnóstico autista, sendo elas: dificuldade de socialização, atraso na linguagem/comunicação e comportamentos disruptivos, com ou sem comprometimento intelectual significativo. Sobremaneira, cada criança precisa ser vista de forma individualizada.

O autismo pode ser considerado um transtorno neurobiológico, cujas características mais conhecidas são os movimentos repetitivos ou estereotípias; as hipersensibilidades, os maneirismos, déficits em habilidades sociais, comunicação e linguagem; entre outros. Com isso, é imprescindível que os aspectos e diagnósticos do autismo sejam esclarecidos a fim de que pais, mães e até profissionais fiquem por dentro de todas as informações necessárias [3].

O espectro varia de acordo com cada criança no momento do diagnóstico, depois de várias intervenções, é possível identificar o nível em que a criança com TEA se encontra. A analogia proposta abaixo deixa entrever formas conceituais para abordar o ponto nodal da discussão:

Imagine que o autismo funcione como um espectro de cores, que iria do branco até o preto, passando por todos os tons de cinza. As variações transitam pela tríade de deficiências nas áreas social, de comunicação e de comportamento, mas nem todas essas dificuldades aparecem juntas no mesmo caso. Há pessoas com comprometimentos sociais, mas sem problemas comportamentais; e casos de disfunções comportamentais sem atraso de linguagem. Em todos eles aparecem, em maior ou menor grau, as dificuldades na interação social [4].

É importante compreender que não é possível olhar o autismo de forma unilateral, pois cada sintoma é uma peça de um quebra cabeça que necessita ser avaliado por diversos profissionais capazes de montar estratégias para o desenvolvimento significativo em prol da sua qualidade de vida, sendo que cada ser é único e que possui suas particularidades.



Segundo o site Neuro Conecta, o autismo possui três níveis: Nível 1 (Leve), Nível 2 (moderado) e Nível 3 (severo). O nível 3: severo (necessitam de maior suporte/apoio), diz respeito àqueles que apresentam um déficit considerado grave nas habilidades de comunicação verbais e não verbais. Ou seja, não conseguem se comunicar sem contar com suporte. Com isso apresentam dificuldade nas interações sociais e tem cognição reduzida. Também possuem um perfil inflexível de comportamento, tendo dificuldade de lidar com mudanças. Tendem ao isolamento social, se não estimulados. Nível 2: moderado (necessitam de suporte), semelhante às características descritas no nível 3, mas com menor intensidade no que cabe aos transtornos de comunicação e deficiência de linguagem. Nível 1: leve (necessita de pouco suporte), com suporte, pode ter dificuldade para se comunicar, mas não é um limitante para interações sociais. Problemas de organização e planejamento impedem a independência [5].

O tratamento do autismo consiste em intervenção multidisciplinar e psicoeducacional, tanto para a orientação familiar, desenvolvimento da linguagem e/ou comunicação, quanto para o desenvolvimento da qualidade de vida, tornando as crianças autistas mais independentes. As intervenções levam em conta a fase do desenvolvimento do paciente. A família, a escola, os profissionais da saúde e terapeutas, compõem o time que acompanha de forma multidisciplinar o tratamento dos autistas. Um elo importante para o tratamento é a equipe multidisciplinar que os acompanha, dentre eles: psicólogos, fonoaudiólogos, nutricionistas, educador físico, e as terapeutas com as terapias, tanto cognitivo comportamental, como ocupacional [6].

Especificamente a avaliação psicológica identifica os alvos, os aspectos emocionais, sociais e comportamentais. Atua, avaliando e intervindo no impacto emocional da comunicação do diagnóstico. As intervenções psicológicas podem constituir um espaço de escuta e de orientações que objetivem o empoderamento da família. A avaliação psicológica compreende entrevistas de anamnese como os familiares e a avaliação da interação social por meio de brincadeiras (no caso de crianças) e de entrevistas (no caso de adolescentes e adultos que apresentam linguagem oral. Envolve ainda a avaliação nas áreas cognitiva e neuropsicológica. As avaliações cognitivas e neuropsicológicas auxiliam a avaliação psiquiátrica e neurológica e a elaboração do PTS, isso significa que as intervenções planejadas para uma pessoa com deficiência mental e TEA, por exemplo, podem ser diferentes daquelas formuladas para as pessoas com funcionamento cognitivo esperado para a idade [7].

### **A visão do autista sobre o mundo**

A percepção de como as pessoas veem o mundo é condição basilar para compreendê-las melhor, assim, não é diferente com o portador da síndrome do TEA. Porém, não é nada fácil, penetrar o imaginário de alguém, para entender como elas sentem as coisas e o que pensam sobre os fatos ocorridos no ambiente ao seu redor. A síndrome do autismo por abranger um leque de comportamentos atípicos e ser um transtorno, ainda, envolto em interrogações, incertezas e em estudo faz com que a sociedade se veja em dificuldades em compreender o autista, muitas vezes,



isolando-as do seu convívio.

Situações do cotidiano que são comuns para a maioria das pessoas como frequentar um shopping, entrar em lojas ou em locais com grande fluxo de pessoas pode ser uma situação muito estressante e aflitiva para uma pessoa com autismo. Conforme o *site* Sou Mamãe [8] “as pessoas com autismo são muito sensíveis a todos os estímulos [...]. Quando elas recebem muitos estímulos sensoriais podem se sentir desorientadas, sobrecarregadas e muito estressadas”. A criança com o TEA quando tem os seus sentidos expostos de forma intensa na ocorrência de barulhos, cheiros, luzes e cores distintos pode entrar em colapso.

Temple Grandin [9] é autista e Ph. D. em Zootecnia, nasceu em 1947, em uma época em que o autismo acabara de ser classificado, e ela ouviu a palavra autista aos 12 anos de idade e pensou: “Ah, é que sou diferente”. Nessa época, ela ainda não era capaz de dizer como era o comportamento autista. Segundo Grandin, quando era criança via com terror o mesmo balão que extasiava e deixava as outras crianças contentes, o balão que elas queriam jogar umas para outras e impulsionavam com os dedos para que tocasse o teto. Para ela, pairava como uma nuvem de dor em potencial, pois não sabia quando iam estourar.

Sabe o que odeio? O barulho do secador de mãos dos banheiros públicos. Não tanto quando o jato de ar começa, mas no momento em que as mãos ficam sob o jato. A queda súbita do registro me deixa louca. É como o toallete a vácuo dos aviões. Primeiro vem o prelúdio breve como a chuvarada, depois o trovão da sucção. Eu odeio aquilo. Um ódio como o das unhas arranhando o quadro-negro. [9].

Sons altos e sons súbitos, é um problema comum nos autistas como é o caso de Temple Grandin, pois “sem exagero: o som causava uma sensação dentro do meu crânio como a dor do obturador”.

### **Autismo e a família: a inclusão começa em casa**

A Organização das Nações Unidas (ONU) decretou o dia 2 de abril como o Dia Mundial da Conscientização do Autismo, em 2007. Esse evento transforma o autismo de um assunto tabu para um tratamento mais esclarecedor e afetivo. Segundo os autores de “O Mundo Singular – Entenda o Autismo” [10 ] ao conhecermos no íntimo uma pessoa com autismo teremos um aprendizado especial na nossa vida. Essa criança merece ser acolhida e seu desenvolvimento é condizente com o nível de estímulo que recebe. As ações motivadoras são vitais para que ela participe das atividades prazerosas e criem laços de confiança com a família. Essa etapa inicial é onde emerge o resgate delas de seu mundo singular e estabelece vínculos afetivos.

Expectativas diversas e planejamentos são feitos pelos pais diante do nascimento de uma criança. No relato do livro “O Mundo Singular – Entenda o Autismo”, diante de uma pergunta de



uma pessoa a uma mãe se valia a pena passar por situações difíceis às quais se relacionavam a uma fertilização assistida fracassada e a um processo de adoção de dois anos, a mesma respondeu: “Depende do quanto de amor você queira sentir na vida” (p. 27)[10].

Ao tomar conhecimento do diagnóstico de autismo surgem inúmeros questionamentos por parte dos pais, angústias e inseguranças afetam o lado emocional da família. Os problemas se manifestam ao observarem os comportamentos atípicos do seu filho comparados às demais crianças. Silva, Gaiato e Reveles (p 65) [10] relatam que é perceptível que alguns pais não conseguem aceitar o diagnóstico do TEA e passam a realizar dispendiosas peregrinações ou verdadeiros "*doctor shopping*", consultando diversos médicos em busca de outras opiniões e/ou diagnósticos. Ouvir este diagnóstico é algo ainda muito difícil para as famílias, tendo em vista que este transtorno carrega estigma e preconceito.

Os cuidados com a criança com TEA devem ser estendidos a toda família, requer uma proporção maior de atenção, tolerância, persistência, disciplina e ações inovadoras, tarefas que a todos não é de fácil execução. Outra ação comum da família é dar uma atenção maior às inadequações dos filhos e não se atentar muito aos seus potenciais, porém uma vez que se equilibra esse problema torna-se viável promover os talentos e estimular as habilidades das crianças com TEA.

A família que lida com essa questão deve ser acolhida, orientada para seguir linhas de tratamento sérias e não se perder em crenças errôneas, nem deixar a culpa desgastar sua energia. O cuidado com a família equivale ao cuidado com a criança com TEA, pois são acometidas de maior estresse e conflitos intrafamiliar. Nesse contexto, a criança pode sofrer crises de irritabilidade porque desconhece o que se passa em sua volta. Portanto os envolvidos devem transcender as dificuldades e equilibrar o ambiente familiar, torná-lo seguro, amistoso e estruturado para que flua uma rotina necessária à vida da criança autista.

O lar de criança com TEA é diferenciado porque nele serão feitas adequações e ajustes logísticos e no próprio comportamento dos integrantes para o seu melhor desenvolvimento. A criança com TEA vê o mundo fragmentado, como um enorme quebra-cabeça, cujas peças devem ser encaixadas, aos poucos, para que seu mundo possa ser minimamente parecido com o nosso (p. 34) [10].

Esse turbilhão de emoções fundamenta-se no fato de que a família que recebe o diagnóstico de autismo toma conhecimentos de que alguma coisa não está bem com seu filho (a) e que o quadro é de comprometimento individual sério. Em seu trabalho Monte e Pinto [11] explicam que o nascimento de uma criança gera uma série de expectativas na família. Diante da ocorrência de um filho autista na família expectativas de como será a criança, sua genética, personalidade, futuro e sentimentos como amor, medo e carinho se mostram mais intensos e confusos podendo comprometer



as relações afetivo-emocionais entre os pais e como consequência a psicodinâmica familiar.

Por décadas, profissionais, sem conhecimento, defendiam que a falta de interação da mãe com a criança é que desencadeava o autismo. Entretanto, na década de 70, essas teorias deixaram de ser consideradas

Antigamente, como o autismo era para cinco classes de transtornos mentais, demorava-se para definir onde que a criança se encaixava e perdia-se muito tempo para iniciar a intervenção precoce. Com a adoção do espectro, a gente identifica mais cedo e passa a fazer o diagnóstico na fase mais importante da vida da criança [12].

É compreensível que a vida familiar sofra um grande baque com o diagnóstico, mas com o decorrer do tempo a rotina familiar vai se adaptando ao processo que o novo quadro apresenta. Os pais ao descreverem o quadro se utilizam de termos como difícil, incômodo, doloroso, complicado, traumático, mas que traz amadurecimento. De acordo com as recomendações médicas, assim que os pais recebem o diagnóstico de TEA do seu filho, faz-se necessário o início imediato do tratamento multidisciplinar associando-se entre si acompanhamento com diversas especialidades, psicólogo, fonoaudiólogo, fisioterapeuta, médicos e terapeutas ocupacionais.

Mesmo com o conhecimento que o autismo não tem cura, o distúrbio pode ser controlado em seus diversos níveis. Sobre essa questão, Douglas [12] destaca:

Os pais projetam inúmeros desejos nos filhos e apresentam uma dificuldade em aceitar que o bebê tenha algum problema. Isso faz com que eles relutem em busca de ajuda. Preconceito e falta de informação atrapalham o diagnóstico e, conseqüentemente, o tratamento. A vida com autismo não é fácil, os pais precisam procurar ajuda, precisam estar em seus melhores dias todos os dias. O autismo demanda que os pais deem o seu melhor, porque a criança precisa de ajuda, de muito estímulo. Não adianta apenas tratar a criança, os pais também precisam de apoio para essa jornada que é longa, mas que pode dar certo.

Além, evidentemente, das terapias multidisciplinares, é de fundamental importância o apoio do núcleo familiar em que a criança com TEA está inserida. As relações sociais e familiares intensificam o laço positivo junto ao portador com esse transtorno.

### **O autismo no ambiente escolar**

Ao abordar o TEA no contexto escolar deve-se evidenciar a importância da escola no processo de crescimento pessoal e na socialização das crianças, que ao serem inseridas nesse novo ambiente, trazem nesse contexto benefícios múltiplos, não só para elas, mas para os demais alunos, pais, profissionais de educação e demais envolvidos neste relacionamento interpessoal.

[...] a inclusão escolar de pessoas com autismo é algo possível, desde que fundamentada no conhecimento, garantidos os recursos necessários e a clareza acerca do papel da escola. Além disto, é de fundamental importância o conhecimento acerca das particularidades no desenvolvimento destes indivíduos e das ações pedagógicas que respeitem e potencializem este jeito diferente de ser [13].



A integração do aluno autista no seio escolar acarreta em uma troca de experiências e a quebra de paradigmas sociais e pessoais que até poucos anos era inimaginável, pois o diferente era tratado de forma pejorativa, e esse era excluído quase que totalmente do convívio e muitas vezes do meio social. Barbosa e Pimenta [14] entendem que a dificuldade em aceitar a situação compõem-se de diversos fatores entre eles, os vários tipos de preconceito que a criança com autismo vivenciará em distintos espaços da sociedade. O processo de aceitação acontece de forma gradativa desde a negação do diagnóstico, o luto simbólico até chegar à aceitação.

O relacionamento interpessoal na escola, entre as crianças autistas com as neurotípicas, faz com que haja benefícios múltiplos para ambos os lados; primeiramente, quebrando velhos paradigmas e preconceitos enraizados na sociedade, em decorrência da falta de convívio com o “diferente”, e segundo pela necessidade das crianças autistas estarem em contato com outras crianças para que elas possam interagir e socializar, pois a inclusão nas escolas de ensino regular pode ser útil tanto para os alunos com necessidades educacionais especiais quanto para os ditos “normais”.

De acordo com Barbosa e Pimenta [14] uma concepção real de inclusão extrapola a oferta de acesso à escola, e que se tenha o suporte necessário ao desenvolvimento integral do aluno autista rompendo com padrões de segregação e integração, que ao tempo em que insere o aluno no ambiente escolar o segrega na sala de aula. Para isso, a capacitação docente é um aspecto profundamente vinculado à solução do problema.

Pensamos que a inclusão escolar possa ser uma possibilidade de desenvolver habilidades sociais a partir da convivência junto a outras crianças com desenvolvimento “normal” – uma experiência que é, acima de tudo, um direito [15].

### **Autismo e o *bullying* na escola**

*Bullying* [16] é uma situação caracterizada por agressões verbais ou físicas desferidas por um ou mais alunos, de forma intencional e repetitiva, contra um colega. O termo *bullying* tem origem na palavra inglesa *bully*, que significa “valentão”, “brigão”. Ademais, mesmo sem uma denominação em português, é entendida como ameaça, tirania, opressão, intimidação, humilhação e maus-tratos.

Silva e Gabriel [16] destacam que o *bullying* é uma das formas de violência que mais se manifesta no mundo e pode ocorrer em qualquer ambiente ou contexto social, a exemplo das escolas, universidades, famílias, vizinhanças e do local de trabalho.

De acordo com Takeda [17]

[...] o *bullying* é cometido com a finalidade de intimidar ou mesmo agredir outra pessoa que, geralmente, não possui possibilidade ou capacidade de defesa, ou seja, é uma relação desigual de força ou poder a vítima de *bullying*, comumente, tem medo do agressor em razão da ameaça e da violência física ou sexual.



Segundo Takeda [17], as “pessoas com deficiência tendem a serem as vítimas perfeitas do *bullying*. Em situação de vulnerabilidade, elas não intimidam o agressor cuja característica primordial é a covardia”. A autora apresenta, ainda, estudo da Sociedade Autista Nacional do Reino Unido (*The National Autistic Society, UK*) que aponta a ocorrência de *bullying* em mais de 40% das crianças e jovens autistas, especialmente nas escolas, resultando para elas consequências como baixa autoestima, baixa produtividade escolar e extrema ansiedade, chegando à evasão escolar.

De acordo com Kwant [18], as crianças com autismo são mais suscetíveis ao *bullying* por causa da natureza de sua condição. Esclarece que a dificuldade na socialização, no estabelecimento de contato visual e da linguagem não verbal em geral os expõe como alvo fácil.

Para Barbosa *et al.*[19], é indispensável que o professor conheça as características e dificuldade que envolve o TEA, o que permitirá o adequado planejamento de suas ações e possa vivenciar experiências que elimine atos discriminatórios contra a crianças. Orrú [20], por sua vez, esclarece que o educador e qualquer outro profissional que trabalha junto com autismo deve conhecer esse transtorno e suas características inerentes. Adverte, ainda, que esses conhecimentos devem sustentar, positivamente, o planejamento das ações a serem praticadas e executadas.

Conforme Lauretti [21], as políticas públicas, leis e normas, especialmente as mais recentes, impactaram positivamente na inclusão escolar de alunos com deficiência. Pondera, no entanto, que jamais houve, na história do país, tanto alunos com o TEA matriculados no ensino fundamental. E, por fim, ressalva que o preconceito aos alunos ainda existe, a medida que os anos escolar vão avançando, até o ensino médio.

### **O professor e a perspectiva de inclusão do autista nos processos de aprendizagem**

Antes de entrar no mundo escolar, a criança já é detentora de conhecimentos previamente adquiridos em outros ambientes não escolares, por exemplo: em casa, na sociedade em geral, no mundo midiático. Logo, quando inserida na escola, há o professor que irá contribuir e fazer parte da sua vida, no qual, mediante atividades diversas buscará o desenvolvimento integral do aluno com TEA, juntamente com a equipe pedagógica.

De acordo com Cunha [22], a criança deve receber estímulos, como trabalho artístico com foco de atenção de qualquer educando, pois demandam a concentração e serve como mediação pedagógica. Podem estar relacionados à pintura, ao desenho, às atividades com massa ou música. Com esses estímulos, a aprendizagem é facilitada porque os canais sensoriais são os melhores receptores da aprendizagem, permitindo questionamento acerca da realidade que é construída. Por isso, ao professor, cabe fazer o aluno exercitar o raciocínio lógico, a criatividade e a imaginação.

Maior é o desafio quando a criança apresenta alguma dificuldade, seja ela motora ou



cognitiva. O primeiro passo do professor, portanto, é o conhecimento do aluno. Nesse sentido, Cunha (p. 53) [22] afirma que as práticas pedagógicas devem ser pensadas, também, sob o prisma da realidade de alunos com transtornos, esses identificados por meio da observação. Esclarece o autor:

O exercício de um bom professor começa pela observação. E, para observar, é preciso saber o que observar. E, para saber o que observar é preciso formação. Como a percepção de um bom músico, será a percepção de um bom professor, capaz de identificar detalhes comumente não notados. A observação advém da necessidade de se conhecer o discente. Conhecer a criança, conhecer o adolescente. Não raro, é o professor é quem identifica primeiramente o transtorno, quem primeiro dá o sinal de alerta com respeito ao comportamento do educando. O olhar mais cuidadoso pode levar o encaminhamento de diagnóstico precoce (p. 58) [22].

Nesse sentido, o professor desempenha importante tarefa, não apenas no diagnóstico, embora não seja sua função, mas na inclusão de crianças com autismo. Esta inclusão deve estar relacionada com o processo de ensino-aprendizagem, cuja metodologia, entendida como um processo para se chegar a determinado fim, precisa individualizar o ensino para trabalhar de forma diversificada, sem perder de vista a necessidade de avaliação permanente e qualitativa, para oferecer, se for o caso, serviço de apoio às dificuldades individuais dos alunos que necessitem, podendo ser utilizada outras modalidades de serviço, a exemplo do reforço escolar, do professor itinerante e das salas de recursos, desde que relacionados aos conteúdos ministrados em sala de aula, afirmam Barbosa *et al.* [19].

Silva [4] esclarece que os professores passam muitas horas com os alunos e, por isso, “são sensíveis à percepção das pequenas dificuldades e alterações de comportamento”, e sugere que “tenham um contato próximo com os pais e relatem quaisquer dificuldades observadas no dia a dia, para que as crianças sejam investigadas e tratadas por profissionais especializados”.

Para incluir alunos com autismo, Cunha [22] indica que o “professor reconhece as habilidade que o aluno possui e as que devem ser adquiridas. Os estudantes aprendem a aprender”. Assim, esclarece que é preciso cativá-lo para provocar o seu desejo, muitas vezes iniciado com o contato visual, tratando-se, em verdade, de um movimento afetivo.

Nessa perspectiva, o professor pode contribuir com o desenvolvimento social de alunos com autismo, especialmente por meio da utilização de recursos pedagógicos “disponíveis e relacionados à socialização, aquisição de linguagem e comunicação e adequação de comportamentos” [4].

Cunha[22] explica que o “professor precisa sempre usar palavras de incentivos para os estudantes” e crer e “fazê-los crer que são importantes”. E que as palavras do professor “ganham cunho pedagógico quando transmitem ânimo e confiança e não punição ao erro e às imperfeições”. Conclui que o “que é honesto, verdadeiro, puro e com virtudes transitam muito bem na fala do professor”. Daí a relevância para que o professor sensibilize seu olhar para a criança autista, ou com outra deficiência, para que ela seja vista como sujeito capaz de aprender e ser incluída no processo



de aprendizagem.

Não há uma “receita” que indique passo a passo de como lidar com determinado aluno autista no ambiente escolar, por apresentarem características e estereotípias diferenciadas um do outro. Orrú (p. 25) [23] reforça essa ideia dizendo:

O autista, sendo um indivíduo único, é exclusivo enquanto pessoa. Embora tenha características peculiares no que se refere à síndrome, suas manifestações comportamentais diferenciam-se segundo seu nível linguístico e simbólico, quociente intelectual, temperamento, acentuação sintomática, histórico de vida, ambiente, condições clínicas, assim como todos nós. Portanto, nem tudo que venha dar resultado para uma pessoa com autismo, serve de referência positiva à outra pessoa com a mesma síndrome.

É fundamental haver um profissional motivador, conhecedor das potencialidades do seu aluno, facilitador, em busca de novos conhecimentos em prol do desenvolvimento do educando, que visem na sua interação com o meio, nas atividades funcionais da aprendizagem e que o impulsionem a caminhos de descobertas do cotidiano escolar. De acordo com Benine e Castanha (p. 19).[24]. os “[...] bons resultados na inclusão de autistas são percebidos, quando os profissionais, respondem as necessidades de aprendizagem destes alunos, com a implementação de ações e estratégias inclusivas em todos os espaços da escola”.

A criança com TEA necessita ser recebida na sala de aula com uma rotina visual, estabelecendo segurança e organização do que vai ocorrer durante o dia no ambiente escolar. Alguns métodos são utilizados para ajudar no processo educacional dos alunos com autismo, entre eles destacam-se o *ABA* e o *TEEACH*.

**ABA (Análise Aplicada do Comportamento):**

(...) é uma linha de atuação dentro da abordagem comportamental, na qual aplicamos seus conceitos teóricos e filosóficos às necessidades e os problemas da sociedade. E, certamente, o Autismo é um desses problemas. A Análise do Comportamento é aplicada ao Autismo, assim como é aplicada à educação, ao ambiente empresarial, à clínica, ou ao esporte, por exemplo [25].

*TEEACH* ou Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com déficits relacionados à comunicação, “é um programa que envolve as esferas de atendimento educacional e clínico, em uma prática com abordagem psicoeducativa, tornando-o por definição, um programa transdisciplinar” [26].

Todavia, faz-se necessário o conhecimento “do quê” e “como ensinar” o aluno com TEA, definindo metas e planos através da observação inicial das habilidades que o aluno já tem conhecimento e a partir daí construir meios e possibilidades para o avanço desse aluno, e o melhor lugar além do ambiente familiar é a escola para esse avanço acontecer, pois é preciso incluir e reconhecer que a educação liga-se com as interações sociais advindas de outrem, pois, quando se percebe que, “dentre muitas coisas que precisam passar a ter significado para o



autista”, muitas outras, igualmente, “precisam ser apropriada e compreendidas” para transformar “a condição de excluído em seu mundo para incluído em nosso mundo”. Desse modo, ter-se-á “modificado as nossas próprias vidas, pois nos abrimos para uma nova concepção de mundo” [20].

### Conclusão

Conclui-se que o tema abordado é um assunto contemporâneo e de grande relevância social, tendo em vista o aumento considerável de crianças diagnosticadas com o transtorno “TEA” no Brasil e a falta de conhecimento de grande parte da sociedade sobre o assunto. Isso demonstra a necessidade da divulgação de informações sobre o autismo, nos diversos espaços da sociedade, por meio de: redes sociais, livros, revistas, artigos, filmes e associações de familiares dos autistas, visando a quebra de paradigmas, diminuindo a quantidade de informações incertas, mitos e preconceitos.

Referente ao assunto investigado, percebemos a relevância do papel dos pais, irmãos, babás, cuidadores, de todos, enfim, é ter ciência sobre o TEA e se preparar para aprender muito mais com a criança autista e seu mundo do que o inverso. Ver essa criança em sua essência e trabalhar no sentido de que ela seja compreendida. Ao tomar conhecimento do diagnóstico, inúmeros questionamentos, dúvidas, frustrações, medos e inseguranças surgem, sendo inicialmente o lado emocional afetado. Os problemas se manifestam quando a família passa a observar comportamentos atípicos, quando comparados às demais crianças.

A forma de integração social do portador de TEA também fez-nos considerar aspectos referentes aos ataques e, muitas vezes, à discriminação exercida por colegas do aluno, dificultando a real interação entre sujeitos diversos. Consideramos a problemática do *bullying*, não apenas detectando-o, mas buscando formas e alternativas para reconduzir essa maneira desumana de cercear o outro. Educadores e pais, pretensamente, devem estar atentos para esse modo de agressão.

A problemática a ser enfrentada é desafiadora, porém muitos foram os avanços alcançados nos últimos anos, o que trouxe consigo uma nova ótica sobre o transtorno, a qual veio repleta de informações científicas novas e de grande importância. Isto demonstra um futuro promissor e cheio de esperanças para todos os envolvidos e interessados no assunto.

### Referências

[1] Brites, C. Autismo: Transtorno do Espectro Autista. Aspectos básicos. Disponível em:



<<https://www.youtube.com/watch?v=VzAlj6DPhGg>> Acesso em 15 Mai. 2019.

[2] Organização Mundial da Saúde (OMS). Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. 1993.

[3] Brites, C. Aspectos e diagnósticos do autismo. Disponível em: <<https://neurosaber.com.br/aspectos-e-diagnosticos-do-autismo/>>. Acesso: 15 Mai. 2019.

[4] Silva, ABB. Gaiato, MB. Reveles, LT. Mundo singular: entenda o autismo. Rio de Janeiro: Fontana, 2012.

[5] Russo, F. ConectaNeuro. Graus de autismo: importante saber. 17 de Mar. 2020. Disponível em: <<https://neuroconecta.com.br/graus-de-autismo-importante-saber/>>. Acesso em: 21 Mai. 2020.

[6] Despertar. Núcleo Transdisciplinar para o Desenvolvimento do Aprendiz. A interdisciplinaridade no tratamento dos Autistas. Disponível em: <[http://www.cantinhodoheitor.com.br/wp-content/uploads/2012/06/TRATAMENTO\\_INTERDISCIPLINAR\\_AUTISMO\\_PARA\\_FABRICI\\_OCARDO\\_SO.pdf](http://www.cantinhodoheitor.com.br/wp-content/uploads/2012/06/TRATAMENTO_INTERDISCIPLINAR_AUTISMO_PARA_FABRICI_OCARDO_SO.pdf)> Acesso em 29 Mai. 2019.

[7] Despertar. Núcleo Transdisciplinar para o Desenvolvimento do Aprendiz. A interdisciplinaridade no tratamento dos Autistas. Disponível em: <[http://www.cantinhodoheitor.com.br/wp-content/uploads/2012/06/TRATAMENTO\\_INTERDISCIPLINAR\\_AUTISMO\\_PARA\\_FABRICI\\_OCARDO\\_SO.pdf](http://www.cantinhodoheitor.com.br/wp-content/uploads/2012/06/TRATAMENTO_INTERDISCIPLINAR_AUTISMO_PARA_FABRICI_OCARDO_SO.pdf)> Acesso em 29 Mai. 2019.

[8] Sou mãe (Org.). Crianças. Descubra como uma criança com autismo vê o mundo. 11 de Set. 2017. Disponível em: <<https://soumae.com.br/descubra-crianca-autismo-ve-mundo/>>. Acesso em: 28 maio 2019.

[9] Grandin, T. Panek, R. O cérebro autista pensando através do espectro. Ed. Record. Rio de Janeiro, 2018 p. 18 e 77.

[10] Silva, AB. Gaiato, M. Reveles, L. Mundo Singular: Entenda o Autismo. Editora: Objetiva/Fontanar, 2012.

[11] Monte, LCP. Pinto, AA. Família e autismo: Psicodinâmica Familiar diante do Transtorno e Desenvolvimento Global na Infância. Revista Estação Científica, Juíz de Fora, v. 14, p.1-16, jul./dez.



## **REVISTA LIBERUM ACCESSUM**

---

2015. Disponível em: <[http://portal.estacio.br/docs%5Crevista\\_estacao\\_cientifica/02-14.pdf](http://portal.estacio.br/docs%5Crevista_estacao_cientifica/02-14.pdf)>. Acesso em 28 Abr. 2019.

[12] Douglas, A. Diagnóstico precoce de autismo é decisivo no tratamento, mas Brasil tem 4 anos de atraso. Vix, 2017. Disponível em: < [https://www.vix.com/pt/saude/543330/1-em-cada-68-criancas-tera-autismo-como-identificar-o-transtorno-e-seus-3-subtipos?utm\\_source=next\\_article](https://www.vix.com/pt/saude/543330/1-em-cada-68-criancas-tera-autismo-como-identificar-o-transtorno-e-seus-3-subtipos?utm_source=next_article) > Acesso em 15 Mai. 2019.

[13] Gomes, M (Organizador). Construindo as trilhas para a inclusão. Coleção Educação Inclusiva Vários autores. 2.ed. Vozes: Petrópolis: RJ, 2012. p. 203.

[14] Barbosa, JP da S. Pimenta, HF. O autismo no ambiente familiar e a interação família-escola: um estudo de caso. III CINTEDI, 2018. Disponível em: <[http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/TRABALHO\\_EV110\\_MD1\\_SA6\\_ID623\\_11082018132007.pdf](http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/TRABALHO_EV110_MD1_SA6_ID623_11082018132007.pdf)>. Acesso em 28 Abr. 2019.

[15] Gomes, Márcio (Organizador). Construindo as trilhas para a inclusão. Coleção Educação Inclusiva Vários autores. 2.ed. Vozes: Petrópolis/RJ, 2012. p. 187

[16] Silva, R de O. Gabriel, FA. O pedagogo e a mediação de conflitos na escola. O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense. 2010. Volume 1. Jacarezinho, 2012. Disponível em: [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2010/2010\\_uenp\\_ped\\_artigo\\_rosangela\\_de\\_oliveira\\_silva.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2010/2010_uenp_ped_artigo_rosangela_de_oliveira_silva.pdf). Acesso em 22 Mai. 2019.

[17] Takeda, T. Autismo e Bullying. LDVCA, 2015. Disponível em: <<https://ludovica.opopular.com.br/?ref=menu>> Acesso em: 23 Mai. 2019.

[18] Kwant, F. Autismo e bullying: O que os Pais e as Escolas podem fazer. Altimates, 2017. Disponível em: <<http://www.autimates.com/bullying-e-autismo-o-que-os-pais-e-as-escolas-podem-fazer/>> Acesso em 21 Mai. 2019.

[19] Barbosa, AM. Zacarias, J. da C.; Medeiros, KN. Nogueira, RKS. O papel do professor frente à inclusão de crianças com autismo. XI Congresso Nacional de Educação – EDUCERE 2013. Grupo de Trabalho – Diversidade e Inclusão: Agência Financiadora: PIBID/ CAPES Disponível em: <[http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/7969\\_6165.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/7969_6165.pdf)>. Acesso em 19 Abr. 2019.

[20] Orrú, SE. A formação de professores e a educação de autistas. OEI - Revista Iberoamericana



## ***REVISTA LIBERUM ACCESSUM***

---

de Educación (ISSN: 1681-5653). Fundação de Encino Octavio Bastos, Brasil. 2003. Disponível em: <<https://rieoei.org/historico/deloslectores/391Orru.pdf>> Acesso em 22 Mai. 2019.

[21] Lauretti, P. UNICAMP. Jornal da UNICAMP. Estudantes com autismo sofrem menos preconceito na rede pública. Campinas, 2016. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/ju/673/estudantes-com-autismo-sofrem-menos-preconceito-na-rede-publica>> Acesso em 25 Mai. 2019.

[22] Cunha, E. Autismo na escolha: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar. 5.ed. Rio de Janeiro: Wak, 2018.

[23] ORRÚ, SE. A constituição da linguagem de alunos autistas apoiada em comunicação suplementar alternativa. Disponível em: <<https://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/2006/FYQGLOPIPOSY.pdf>> Acesso em 22 Mai. 2019.

[24] Benini, W; Castanha, AP. Benini, W. Castanha, AP. a inclusão do aluno com transtorno do espectro autista na escola comum: desafios e possibilidades. Cadernos PDE, Paraná, v. 1, 2016. Disponível em:<[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2016/2016\\_artigo\\_ped\\_unioeste\\_wivianebenini.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_ped_unioeste_wivianebenini.pdf)>. Acesso em: 30 Mai. 2019.

[25] Guilhardi, C. Romano, C. Bagaiolo. Análise aplicada do comportamento em (ABA): Contribuições para a intervenção com autismo. Disponível em: <<https://www.grupogradual.com.br/wp-content/uploads/2015/07/Artigo-Marcos-Mercadante-definitivo.pdf>>. Acesso em: 30 Mai. 2019.

[26] Kwee, CS. Sampaio, TMM. Atherino, CCT. Tavares CC. Autismo: uma avaliação transdisciplinar baseada no programa TEACCH. *Revista Cefac*, v. 11, p. 217-226, 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-18462009000600012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462009000600012)>. Acesso em: 30 Mai. 2019.